

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FEUSP**

**Michelle Silva Gonçalves**

## **ENSAIO (AUTO)REFLEXIVO CRÍTICO**

**São Paulo,**

**2023**

## 1. Módulo I: Teorias de Língua e Aprendizagem de Línguas

A discussão sobre o conceito de língua e como ocorre sua aprendizagem/ aquisição representa um dos temas centrais na formação de professores e acarretando, concomitantemente, na compreensão de sua própria aquisição como falante de L1 como L2.

O levantamento das percepções de língua como sistema, discurso e ideologia (Kumaravadivelu, 2006) proporcionou uma visão sistêmica de suas nuances e coloca em pauta a importância da linguagem, que por meio da globalização e interação entre culturas vem transformando-se gradualmente. Refletindo sobre como vem ocorrendo meu aprendizado ao longo dos anos, percebo que houve uma grande influência de língua como sistema e discurso nos anos iniciais de aquisição, mas logo depois, foi havendo uma inserção maior no que considera-se língua como ideologia, não deixando contudo, a língua como sistema e discurso. Um dos fatores que podem justificar esse fato, refere-se ao grande conteúdo gramatical apresentado nos livros didáticos em níveis iniciantes e que ao avançar para níveis intermediários ou avançados vão trazendo conteúdos mais contextualizados e abordagens mais críticas por parte dos docentes.

Pensar a língua em contínua transformação possibilita, desse modo, a desmistificação da linguagem concebida no século XIX com o lema “Uma nação, uma língua, uma cultura” (Rajagopalan, 2003, p.25).

O deslocamento de grandes populações já ocorridas como no pós-guerra, mas também como vemos atualmente, como por exemplo, guerra na Ucrânia e na Síria, desastres ambientais como no Haiti e na Turquia, bem como crises políticas e socioeconômicas sofridas na Venezuela e Argentina são contextos que desencadeiam grandes mudanças na interação social, bem como empréstimos linguísticos e outras variações linguísticas (diatópica - geográfica e/ou diastrática - social/cultural). No Brasil, devido a sua expansão demográfica há uma grande variedade de dialetos, além de línguas indígenas e línguas de influência migratória como o Pomerano e o *Hunsrückisch*, que também são consideradas línguas brasileiras. Segundo Rajagopalan (2003, p. 26), a miscigenação linguística é vista ainda hoje com preconceito, e em vista disso, podemos observar que são colocadas à margem da considerada língua de prestígio, no caso, o português brasileiro.

A importância de abordar o aprendizado de língua em seu contexto cultural e interacional, trazendo estratégias que busquem aproximar o (a) aluno (a) da realidade existente é fundamental, a fim de contribuir por meio de reflexões à favor da equidade, devendo ser um dos propósitos de um profissional no ensino de língua. Não se trata de doutrinação, como muitos pessimistas argumentam, mas sim, de dar espaço ao diálogo e entender como a interação social e a pluralidade favorece à diversidade existente.

Vale ressaltar ainda, o pensamento da influência política e histórica como afirma Rajagopalan (2003, p. 58) de países como EUA, que camuflam seu interesse imperialista, por uma abordagem altruísta. Não diferente dos EUA, muitos veem também na Alemanha um reflexo de altruísmo enviesado, uma vez que há questionamentos sobre o porquê de a Alemanha investir milhões em tantas escolas alemãs existentes ao redor do mundo em por volta de 72 países. Uma das justificativas que já recebi no ambiente escolar foi pelo fato de

no período das guerras, muitos alemães imigraram para diferentes países, mas que o viés da influência geopolítica ainda tornava-se presente.

Nesse entrecruzamento, o medo da mestiçagem linguística de acordo com Rajagopalan (2003, p.62) desencadeia, na maioria das vezes, vertentes preconceituosas como o racismo. Reafirmando esse posicionamento como também indo ao encontro da crítica realizada ao falante ideal correlacionando-o ao bom selvagem de Rousseau, visto que a interação social sempre existiu e sempre irá existir, não entender a diversidade cultural e linguística como um fator presente na sociedade globalizada seria não encarar a realidade que nos está à vista.

São variados os interesses para o aprendizado de uma língua estrangeira, sendo desde motivações intrínsecas como o simples gosto por aprender, até interesses extrínsecos, que visam interesses mais objetivos como profissional, educacionais dentre outros.

Voltando-me a uma autoanálise de como se desenvolveu minha motivação no aprendizado de língua estrangeira, considero que a motivação extrínseca foi crucial tanto no aprendizado do espanhol com 14 anos assim como o início do aprendizado de alemão aos 16. No entanto, o aprendizado do espanhol desencadeou-se por um motivo pessoal de gostar de cantar (motivação intrínseca). Ouvia bastante músicas e assistia novelas espanholas que passavam na TV aberta para o público infanto juvenil, que em sua trilha sonora, era em espanhol, o que despertou um interesse maior, já que possuía contato de uma forma natural com o idioma. Outras características determinantes que não decorrem da minha motivação, mas sim condições de ambiente externo, foram fatores como: localidade/ distância do curso, gratuidade e disposição dos meus pais. Caso houvesse uma dissonância em um desses fatores, certamente, não teria aprendido espanhol.

Já a aquisição de alemão como língua estrangeira também está em sinergia com as condições de ambiente externo, mas a motivação extrínseca foi de início primordial, uma vez que a escolha foi devido à disponibilidade de vagas nos Centros de Línguas. Estava entre duas opções 1º francês e 2º alemão; como o idioma francês era hiper concorrido na época e a disponibilidade de alemão era maior, a motivação extrínseca de não deixar meu tempo ocioso, quando adolescente, juntado a disponibilidade de vaga, foi o que culminou a cursar alemão. A questão de não querer ter tempo ocioso considero uma regulação introjetada, por ter um sentimento de que ficar em casa seria uma perda de tempo, apesar de não receber pressão por parte dos meus pais quanto a ocupação do meu tempo vago.

Outros motivos extrínsecos que fizeram eu aprender alemão até os dias de hoje foram mudando com o decorrer do meu aprendizado. O segundo fator no aprendizado de alemão foram os desafios de realizar as provas de proficiência; e como o Centro de Línguas e a aplicadora de provas (Goethe) tinham/ têm parceria, ficava feliz sempre que ganhava um novo certificado (já que sabia que a prova era cara e talvez não tivesse condições de arcar, caso houvesse que pagá-la), desse modo, acredito que no meu caso, a questão das provas de proficiência tenha sido uma regulação identificada, pois via a realização da prova como oportunidade adquirida tanto por questões pessoais que citei como pela importância que o professor colocava. A terceira motivação extrínseca foi quando o colégio Humboldt foi fazer uma palestra no CEU e apresentou seus cursos profissionalizantes, então percebi que minha motivação seria profissional (regulação integrada - pois foi de minha completa autonomia querer prestar prova para estudar no colégio), uma vez que notei as oportunidades além do

aprendizado de idiomas, mas também admito que o interesse intrínseco já estivesse desperto, visto que observava no colégio Humboldt uma forma de continuar estudando alemão, e não perder com o tempo o idioma que havia aprendido até o momento (regulação introjetada - uma vez que coloquei uma pressão interna sobre mim para que não houvesse um sentimento de perda).

Nesse ínterim, decidi prestar licenciatura em alemão, com incentivo de duas professoras formadas pela USP e concomitantemente cursei administração em alemão estudando e trabalhando no Humboldt, o que me proporcionou contato diário com a cultura administrativa/ escolar com professores, colegas de sala e colaboradores, tendo uma visão de aluna e funcionária, bem como me proporcionou viagens a trabalho para Alemanha, o que enriqueceu fortemente meu conhecimento. Dito isso, acredito que as motivações intrínsecas foram se afluando, à medida que fui percebendo o que o aprendizado do idioma poderia me proporcionar, não sendo fatores estáticos, pois a cada experiência nova me despertou e ainda desperta mais vontade de mergulhar em um idioma que me proporciona conhecer novas amizades, lugares diferentes dentre outros. Poderia inferir que essas duas motivações (intrínsecas e extrínsecas) estão paralelamente ligadas, dependendo de certos agentes (meio social) internos e externos, que podem aumentar ou diminuir suas intensidades no decorrer do tempo.

## **2. Módulo II: Métodos e abordagens de ensino**

Pensando nos métodos de ensino de línguas, observo que o método tradicional ou gramática e tradução possui um enfoque na tradução de textos literários, utilizando-se como base a gramática normativa e tendo como objetivos a leitura e produção textual. Considero que esse método seja ineficaz para aprendizes de língua estrangeira nos dias de hoje, por ser uma abordagem instrumental, sem considerar o aprendizado comunicativo e interacional da língua, além de não importar-se com a cultura, no que diz respeito a sua abrangência e variedade, focalizando-se somente na fonte de livros e no nicho de textos considerados eruditos.

Ao refletir sobre o método direto, em que visa a comunicação em sala de aula, impreterivelmente, na língua-alvo com o intuito de que os (as) alunos (as) conseguissem aprender a pensar/ comunicar-se nesse idioma. Para esse método pode-se observar prós e contras. Um aspecto positivo, poderia considerar, pensando em aprendizes com um certo nível de conhecimento para conseguir acompanhar as aulas, que teriam uma possibilidade de imersão na língua-alvo, por meio de um contato mais intensivo. No entanto, para aprendizes iniciantes, podemos pensar também no fator idade, uma vez que crianças possuem uma propensão maior para aquisição de língua com mais rapidez, então esse método, ao meu ver, poderia sim ajudar. Todavia, para aprendizes adultos, uma modalidade que visa a comunicação na língua-alvo desde as primeiras aulas, poderia ser um fator desmotivador, visto a probabilidade de o (a) aluno (a) encontrar dificuldades no aprendizado do conteúdo apresentado.

Há um tempo atrás, precisei acompanhar um aluno de 5 anos, alemão, que não falava português, estudando em uma classe bilíngue. A criança não gostava das aulas de português por não entender nada da aula de contação de histórias, além de ter problema de relacionamento com as outras crianças brasileiras, pois também não as compreendia. Meu papel foi acompanhá-lo nas aulas e em momentos de conflito, que na maioria das vezes, era porque ou as crianças não o compreendia ou ele não as compreendia, e intervir explicando em alemão ou às vezes explicando em português para as crianças brasileiras, o que cada um estava pretendendo. Além disso, nas aulas de contação de histórias em português, tinha que explicar a história para criança em alemão, a fim de que ela não se dispersasse (essa situação durou uns 3 meses). Um ano depois, soube que essa mesma criança já estava falando português. Não tenho muitos detalhes de como essa aquisição ocorreu, mas como os pais são alemães, acredito que tenha sido pela interação com os colegas e as aulas ministradas. Desse modo, quero enfatizar que crianças também possuem desafios na aquisição de uma língua estrangeira, mas a imersão precoce por meio da interação com colegas e com um professor na língua-alvo, contribuiria fortemente.

Na entrevista com uma professora, ela salienta que suas aulas são ministradas praticamente inteiramente em alemão, mas nesse caso, não vejo como um método direto, mas sim como um método comunicativo, uma vez que visa a interação entre professor e aluno. Ademais, na observação de aula dessa mesma professora, notei que a interação professor e aluno era na maior parte das vezes em alemão, mas em outros momentos os alunos entendiam em alemão e respondiam em português, e conversas entre os alunos era somente em português. Sendo o professor, então, o responsável pelo *input* da língua-alvo. Entretanto, o uso espontâneo da língua por parte do professor e em determinados momentos pelos (as) alunos (as) e com a minimização da incidência de análise gramatical caracterizaria também resquícios do método direto.

Outro ponto a ser ressaltado, refere-se a autonomia do professor, pois ao indagar a professora sobre realização de atividades que não estão diretamente ligadas ao livro didático, foi enfática ao expressar que a instituição de ensino onde atua, permite e incentiva os professores na autonomia para preparar conteúdos, criar novas formas de interação, a fim de agregar às aulas, o que se assemelha às premissas do pós-método de permitir a independência do professor por meio de elaboração de novas estratégias, que considere pertinentes para aula. Essas nuances constatadas na sala de aula nos mostram que a noção do uso de métodos não necessariamente é fixo em um único método, além de que podem haver também mais de um princípio didático para um planejamento de aula, por exemplo, pensando nas fases/ momentos de aula, em que abordagens diversificadas são incentivadas. Planejar, por exemplo, uma aula com a utilização da orientação voltada ao multilinguismo (*Mehrsprachigkeitsorientierung*), pode ser tanto uma fase da aula como também contemplar todo o momento de aula, ou talvez ser dias de abordagem dessa orientação, tudo dependendo da finalidade e propósitos de aula pretendidos pelo professor, não tratando como algo estanque.

Acredito que compreender os métodos ao longo do tempo, vai além do julgar a sua aplicabilidade nos dias atuais, mas sim entender que cada método teve seu propósito em

um recorte de período de tempo; e como contextos políticos e geográficos puderam contribuir para o desenvolvimento daqueles métodos e até mesmo do pós-método.

As formas de lecionar, por exemplo, estão transformando-se rapidamente e foram mais intensificadas devido à pandemia, sendo o tema digitalização no ambiente escolar um fator de impacto para as mudanças que vêm ocorrendo. A inserção da gamificação dos conteúdos, por exemplo, possui um caráter lúdico, com ênfase em tornar os exercícios de sala de aula mais prazerosos e criando estratégias motivacionais por meio da interação e divertimento, transformando o ambiente de sala de aula. Como ferramenta, sendo uma fase de aula, penso que seja válido, como componente central, já teria ressalvas. Além da digitalização, aulas voltadas para realização de projetos, que visem a ativar habilidades/competências interacionais, assim como pensamento crítico e reflexões sobre assuntos da atualidade são temáticas bastante frisadas nos últimos anos. Desse modo, estou convicta que o papel do (a) professor (a) para gerir, planejar e executar, exige um grande preparo, no sentido de que dominar o conteúdo teórico, é sim importante, mas além disso, conseguir contextualizar as aulas, proporcionar experiências diversificadas e agregadoras possui um peso significativamente elevado.

## Referências bibliográficas

COUTO, L. C. **Sobrevoos pela História do Ensino de Alemão-LE no Brasil**. Helb, História do Ensino de Línguas no Brasil, v. 6, n. 6, jan. 2012.

GRILLI, Marina. **Como ensinar línguas? Do método ao pós-método**. Revista Projekt, 57, 2019, 36-41.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching – from method to postmethod**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006. (Capítulo 1 – Language, learning, and teaching).

PEREIRA, R. C. **Motivação para aprendizado do alemão em contexto extensionista**. 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística aplicada crítica**. São Paulo: Parábola, 2003, 23-28; p. 57-63.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil**. Revista Contingentia, vol. 1, n. 1, nov. 2006, p. 01-10.

VOERKEL, Paul. **Professores de alemão no Brasil - entre mitos e realidade**. In: ABEG. (Org.). Professores de alemão no Brasil. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, v. 1, p. 306-314.